



RESENHA

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. O livro das origens: uma leitura descomprometida do Gênesis. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021. 320 pp. ISBN 978065-5580-025-8.

*Anderson de Oliveira Lima\**

O interesse pelo primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, é permanente. Todavia, a quantidade de páginas escritas a respeito dessa obra pede, de cada novo autor que tenha a intenção de se inserir nesse prolixo diálogo, uma boa justificativa. Que contribuição ele se julga capaz de dar a essa longa história de leituras? Nos perguntamos, ademais, que palavras originais podem ser proferidas sobre literatura tão antiga e tantas vezes visitada?

As justificativas para *O livro das origens*, de Geraldo Holanda Cavalcanti, estão à vista dos leitores e convidam os interessados a uma abordagem heterodoxa do Gênesis. Os “indícios” dessa heterodoxia estão expressos na capa e na contracapa, no nome do próprio autor, no nome da editora que traz à materialidade a obra por ele concebida e também no subtítulo.

Nem Geraldo Holanda Cavalcanti nem a Ateliê Editorial têm trajetórias que nos levem a vinculá-los a qualquer religião. Embora o objeto da análise seja um livro bíblico (obra que, como sabemos, tem sua história de produção, transmissão, recepção, edição e usos muito ligada a certas instituições religiosas), os responsáveis diretos por este *O livro das origens* não explicitam preferências religiosas nem reivindicam qualquer autoridade eclesiástica para legitimar seu recente trabalho. O autor, Geraldo Holanda Cavalcanti, nascido em Recife em 1929, é um diplomata de carreira que tem uma grande e reconhecida produção literária: é poeta e tradutor premiado, acadêmico da Academia Brasileira de Letras desde 2010, tendo-a presidido entre os anos de 2014 e 2015. Dentre sua produção, é importante, para esta ocasião, que conheçamos um título: *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*, obra publicada em 2005 pela EDUSP que registra uma imersão anterior do autor no universo da literatura bíblica.

Quanto à Ateliê Editorial, trata-se de uma instituição que se apresenta no mercado atual como uma editora que cuida de maneira peculiar dos aspectos físicos e visuais das obras que edita e que coloca os “clássicos” como o “ponto alto” do seu catálogo. Aliás, essa editora que pretende cativar os amantes do livro físico também incluiu em sua coleção de *Clássicos Comentados* um título relevante para esta discussão: trata-se de *Os*

---

\*Doutor em Ciências da Religião (UMESP, São Bernardo do Campo-SP). ORCID: 0000-0002-0039-1000 – contato: [anderson.angela.lima@gmail.com](mailto:anderson.angela.lima@gmail.com)

*Evangelhos: uma tradução*, uma edição bilingue dos quatro evangelhos canônicos que, além do texto grego, traz uma tradução inédita, tipograficamente original e muito literal, preparada por Marcelo Musa Cavallari (2020). Com isso, o que queremos demonstrar é que a relação da editora com a tradição bíblica se dá através de uma concepção estritamente literária, valorizando-a como produto cultural de importância histórica que sempre merece releituras e não como um documento sagrado a ser meramente reproduzido e preservado segundo as preferências tradicionais.

Os mencionados “indícios” extraídos dessas breves procuras pelas histórias do autor e da editora concordam com (e explicam) o adjetivo que, no subtítulo, caracteriza a obra de Cavalcanti como uma leitura “descomprometida” do Gênesis. A abordagem de Cavalcanti não tem compromisso com os resultados previamente alcançados pela história da leitura bíblica nem com os acentos dados pela tradição patrística; está livre dos dogmas religiosos que se impõem ao leitor religioso da Bíblia e rejeita as leituras canonizadas, as interpretações fixadas em documentos eclesiásticos. Nas palavras do autor, o livro “busca ser uma leitura imparcial do Gênesis da Bíblia cristã. O texto bíblico é analisado, na medida do possível, como narrativa autorreferente, livre da carga exegética de natureza semântica, sectária, erudita ou confessional” (Cavalcanti, 2021, p. 13).

Mas o trabalho de Cavalcanti não haveria de ser completamente original ou metodologicamente livre da influência de seus antecessores, especialmente quando se trata das práticas cultivadas pela crítica literária contemporânea. O olhar “descomprometido” que o autor lança sobre este clássico incomparável que é o Gênesis se assemelha ideologicamente ao de leitores que escreveram anteriormente obras tão ácidas e heterodoxas quanto a sua. Exemplos desse tipo de abordagem estão em *Deus: uma biografia*, de Jack Miles (2009), e em *Ascensão e queda de Adão e Eva*, de Stephen Greenblatt (2018). Esses títulos, tendo também apresentado os resultados de uma crítica “descomprometida” com a tradição cristã, ortodoxa, exegética e teológica, são usados frequentemente por Cavalcanti que, nalguns temas, limita sua pesquisa às páginas de autores como esses.

O acesso ao texto bíblico se dá através de versões selecionadas, traduções que o autor lista cuidadosamente na *Introdução* (2021, pp. 17-18). A preferência recai sobre duas versões da *Vulgata* (a *Vulgata Clementina*, consolidada em 1592 após revisões na *Vetus Latina* de São Jerônimo, e a *Nova Vulgata*, promulgada como documento oficial em 1979). Além dessas, Cavalcanti faz uso eventual de textos bíblicos famosos, como o da *Bíblia de Jerusalém* (na edição de 1973), da *Jewish Study Bible* e da *The New Oxford Annotated Bible*.

Quanto aos referenciais teóricos que condicionam o olhar do crítico, é importante destacar a adesão à *Crítica das Fontes* do Antigo Testamento, que, apesar do reconhecido caráter especulativo, tem ajudado estudiosos de todos os tipos a encontrar explicações plausíveis para as incoerências evidentes que são resultado da complexa história da redação dos manuscritos bíblicos. Terá o leitor que se habituar, para acompanhar a crítica de Cavalcanti, a lidar com as hipotéticas origens javista, eloísta, sacerdotal ou deuteronomista das narrativas do Gênesis (Cavalcanti, 2021, pp. 24-26).

O procedimento analítico posto em prática por Geraldo H. Cavalcanti em *O livro das origens* consiste, em resumo, no desenvolvimento de uma leitura atenta que compara o texto bíblico em diferentes versões e destaca as muitas incoerências que

se podem notar tanto de um ponto de vista sincrônico - no próprio texto como uma narrativa não linear - quanto diacrônico - na apropriação que do texto bíblico se fez em documentos da tradição cristã que adquiriram importância no desenvolvimento e manutenção de dogmas. Para sua avaliação das leituras oficiais da igreja, ele recorre quase sempre a duas fontes que, no livro todo, são citadas de modo frequente como representativas da posição oficial do catolicismo a respeito das passagens bíblicas em questão. A fonte mais empregada é, sem dúvida, o *Catecismo da Igreja Católica, Edição Típica Vaticana*, lida a partir de sua tradução brasileira de 1998, obra que se apresenta ao leitor cristão como “texto de referência, seguro e autêntico para o ensino da doutrina católica” (Cavalcanti, 2021, p. 18). Em segundo plano nos deparamos constantemente com as opiniões expressas nas notas que circundam o texto bíblico na *Bíblia de Jerusalém*.

A crítica à história da leitura cristã começa quando o autor trata, já no primeiro tópico do capítulo 1, daquilo que chama de “Tese da revelação” (2021, p. 19). Questionando abertamente a ideia de que se deva tomar a Bíblia como “palavra de Deus”, o autor trata de questões relativa à história da transmissão manuscrita, escreve sobre autoria, tradução, intertextualidade e, quando passa a abordar o texto bíblico “verso a verso”, não deixa de tecer críticas contundentes (ainda que indiretas) àquela mesma “tese”. Seja fazendo o leitor conhecer as heranças egípcias ou mesopotâmicas que estão por trás dos mitos bíblicos, seja salientando as largas distâncias que separam as opiniões cristãs daquilo que os textos realmente comunicam e o que se sabe atualmente através dos avanços das ciências, Geraldo H. Cavalcanti não cessa de compartilhar comentários que ironizam ou mesmo ridicularizam a tradição cristã como leitora da Bíblia.

Aqui cabem alguns exemplos mais diretos das páginas de Cavalcanti:

O autor escreveu, enquanto lidava com a implausível sequência das coisas criadas por Deus em Gênesis 1, que “os criacionistas não se embaraçam com a inverossimilhança de suas crenças” (2021, p. 45). Cavalcanti até se ocupa, para combater os equívocos fundamentalistas, de atualizar o leitor sobre a posição científica atual numa “cosmologia de bolso” (2021, pp. 51-53), mas não faz isso antes de nos lembrar os nomes de alguns antigos comentaristas (com suas respectivas honradas posições acadêmicas) e suas risíveis tentativas de datar os eventos narrados nos primeiros capítulos do Gênesis. Em meio a esse debate, deixa um convite ao leitor:

Diante do inevitável conflito entre o que a Bíblia nos “revela” e a ciência nos “descobre”, se quisermos continuar o exame do Gênesis teremos que, a partir deste momento, efetuar *a suspension of belief* (uma suspensão da crença) [...] pois, de outro modo, nada mais fará sentido (Cavalcanti, 2021, pp. 50-51).

Páginas à frente, Cavalcanti discute os caminhos misóginos da interpretação cristã e, citando algumas palavras do inquisidor Jacobo Sprenger – que no século XV tentava demonstrar que as mulheres têm, desde as origens, um caráter imperfeito e enganador –, elege a ironia para encurtar a crítica: “Como se pode notar, é um raciocínio inatacável” (2021, p. 84). Deveras, investigando a cada passagem as manobras intertextuais e os anacronismos hermenêuticos praticados por leitores de todas as épocas, Geraldo H. Cavalcanti segue destacando a “precariedade” da argumentação cristã (2021, p. 93).

Noutro exemplo, após avaliar a opinião expressa nos paratextos da *Bíblia de Jerusalém* referente a Gênesis 3:16, comenta: “Esse infeliz comentário é apenas um exemplo do cipoal em que a interpretação patrística lançou a igreja ao figurar o aparecimento da libido como resultado da desobediência do primeiro par humano” (2021, p. 97).

O livro, portanto, propõe uma leitura descomprometida de todo o Gênesis, livro bíblico de vasto conteúdo que poderia gerar, nas mãos de um comentarista prolixo, um volume com milhares de páginas. Cavalcanti ocupou cerca de cem páginas com seus comentários aos primeiros três capítulos do livro bíblico; depois, altera o ritmo das análises e, de maneira bem mais concisa, aborda todos os quarenta e sete capítulos restantes noutra porção de aproximadamente cem páginas. A provável superficialidade que decepcionará alguns leitores a partir desse ponto do livro provavelmente agradará outros, entediados já com os desvios que faz o autor em suas análises do catecismo e visitas a outras ciências.

Para terminar, é preciso dizer que a terceira parte de *O livro das origens*, tendo encerrados os comentários ao livro do Gênesis, é composta por dois *Apêndices: I. Os Mandamentos, os Estatutos e as Normas da Lei Divina, II. Tratado Mínimo de Angeologia* (Cavalcanti, 2021, pp. 207-305). Entende-se que, tendo passado pelo Gênesis, o autor ainda tinha questões a resolver e não dava por completa sua crítica às leituras canônicas do Antigo Testamento (2021, p. 211). Ele abandona a sequencialidade dos comentários e passa a analisar textos bíblicos da Torá que (supostamente) são determinantes para a compreensão da tradição bíblica. O que não muda nessa terceira parte é que ele segue tecendo suas críticas ácidas tanto às incoerências internas das narrativas bíblicas quanto a suas respectivas versões/adaptações feitas pela igreja católica.

Incansável até o final do livro, o autor não poupa o personagem Deus que, no Antigo Testamento, é bem conhecido por sua “severidade e barbaridade” (2021, p. 222), por seu gosto por “empalar” homens do seu próprio povo eleito (2021, p. 215, 225), por sua “obsessão” pela pena de morte (2021, p. 225) etc.; tampouco alivia as palavras com as quais julga os leitores da Bíblia que se tornaram defensores daquela divindade antropomórfica através de comentários “impróprios”, como é o caso daqueles “caçadores de anjos” (2021, p. 239) que construíram, sob “exígua base” documental, elaborados tratados de angeologia (2021, pp. 236-239, 272).

Como quem está a apresentar o texto bíblico a leitores que com ele nunca tiveram qualquer contato mais aprofundado, Cavalcanti deixa, a certa altura do livro, este indignado conselho a seu Leitor (com letra maiúscula):

Se lhe assustam e lhe horrorizam as penalidade que Iahweh reserva para o que desobedecem aos seus mandamentos, meu caro Leitor, não procure saber o que reserva para os que escolhe como profetas e mensageiros de suas palavras e advertências. Não leia o livro de Ezequiel (Cavalcanti, 2021, p. 231).

Enfim, pode-se dizer que Cavalcanti atua como um leitor aberto às próprias percepções, deixando aos leitores em geral boas intuições para uma leitura desfamiliarizada, além de muitas boas perguntas que estimulam um criticismo que não deixa passar qualquer das várias incoerências próprias do compósito texto bíblico. No entanto, na maior parte do tempo o autor atua mesmo como um crítico da história da leitura

bíblica, age como um avaliador dos comentários tradicionais, como um comparador de traduções, um crítico das más leituras que o cristianismo legitimou e canonizou para prejuízo da cultura ocidental. Seu livro, além de estimular a leitura atenta da tradição bíblica e demonstrar que é possível fazer bons usos dessa literatura fora das instituições religiosas, funciona como uma contundente provocação, um convite para que saibamos lidar com as heranças que a religião nos legou com boa autonomia.

### **Referências bibliográficas**

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: EDUSP, 2005.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. O livro das origens: uma leitura descomprometido do Gênesis. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.

GREENBLATT, Stephen. Ascensão e queda de Adão e Eva. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MILES, Jack. Deus: uma biografia. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Os Evangelhos: uma tradução. Tradução, apresentação e notas de Marcelo Musa Cavallari; prefácio de João Angelo Olive Neto. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Mnêma, 2020.

Editor responsável: Silas Guerriero

Recebido em: 04/03/2021

Aprovado em: 11/06/2021